

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS PERSONAGENS FEMININAS NO ROMANCE *PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO*, DE PEPETELA

Luciene Flores¹; Ana Claudia Duarte Mendes²

¹ Graduanda do Curso de Letras – Habilitação Português/Inglês da UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados; e-mail: cieneflores@hotmail.com, Bolsista Bolsista AAF do CNPq., Linguística, Letras e Artes.

² Orientadora - docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidades Universitárias de Dourados e Campo Grande; C. Postal 351, 79804-970, Dourados-MS, e-mail: acdmendes@uems.br Linguística, Letras e Artes.

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo estudar a obra *Parábola do Cágado Velho*, 2005, romance de Pepetela, autor angolano, a partir dos pressupostos teóricos acerca da identidade cultural, a fim de compreendermos o universo das personagens femininas, no embate entre a ordem tradicional e a moderna. A análise do romance propiciou maior compreensão da cultura angolana, o que é relevante para auxiliar nos estudos acerca da diversidade cultural que representa a herança cultural afro-brasileira. O estudo que realizamos vincula-se aos destinados a cumprir com a exigência de ensinar cultura africana e afro-brasileira no currículo do ensino fundamental e médio.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Personagens femininas. Romance.

Introdução

A história de Angola está presente na obra e na vida do romancista conhecido como Pepetela. Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos nasceu em Benguela, Angola, em 1941, o romancista discute ao longo de sua obra o projeto de construção de uma identidade angolana, buscando apresentar a diversidade cultural do país em que vive. De acordo com Adolfo (1992), “Para Pepetela não é a diferença que está em foco e sim a semelhança. Suas obras destinam-se a resgatar e firmar uma identidade nacional angolana, e para tanto o círculo deve ser alargado até para além das fronteiras angolanas”, (p. 162).

A produção literária de Pepetela apresenta uma narrativa sobre o homem, sua terra, Angola, e a luta pela liberdade, renunciada na sua trajetória de formação. Em diversos romances, a guerra, as tensões e contradições estão presentes. Pois segundo Adolfo:

Tratando-se de Angola, vários povos tradicionais habitam esse espaço que se tornou independente em 1975, e que tem procurado transformar as várias nações angolanas numa única nação. O tradicional e o moderno tem se confrontado cotidianamente e da fusão desses polos conflitantes tem emergido de parto muito demorado o estado angolano. (1992, p. 19)

Pepetela publicou *Parábola do Cágado Velho*, em 1996, o romance é ambientado na zona rural, o enredo gira em torno da personagem principal, Ulume, o homem (em Umbundu), que vivia no Kimbo (aldeias, cenário rural) de acordo com as tradições e vê seu mundo modificar-se, gradativamente, pela presença constante da guerra. O narrador nos apresenta uma Angola na qual as modificações sociais, provocadas pelas guerras e por novas ideias, esgarçam as relações de parentesco, modificando os costumes, provocando alterações no interior das famílias.

Ulume questiona-se sobre a razão da existência nesse novo mundo, no qual o Cágado, que representa a sabedoria em sua cultura tradicional, não tem mais lugar. As questões que o acompanham, ao longo do romance, dizem respeito ao sentido da guerra, a busca por identificar quem são os inimigos. Nesse pensar a história de Angola, o narrador elabora uma trama na qual o sentido da vida e sua perda está presente todo o tempo. De acordo com Secco (2009), Pepetela “ao dar a voz aos homens do campo que mais sofreram com as guerras, continua com a mesma chave de repensar, a contrapelo a história de Angola” (p.159).

No romance buscamos entender como as guerras, o processo de modernização de Angola, provocou modificações nas condições de vida das personagens femininas. O autor, ao compor a narrativa, tece a diferença entre a sociedade moderna e a ordem tradicional, como estas se interpenetram, compondo os modos de estar no mundo no processo de modificação em uma perspectiva de tempo e espaço.

O presente projeto de pesquisa pretendeu estudar a obra de Pepetela *Parábola de Cágado Velho*, abordando as questões de oposição entre os modelos sociais, vivenciados pelas personagens femininas. Ao observar a trajetória das mulheres que se tornaram esposas de Ulume: Muari, a primeira mulher (Kimbundu e outras línguas), e Munakazi, a mulher (em Mbunda), procuramos analisar aspectos ligados à cultura angolana, em especial destaque para a questão da identidade cultural, na perspectiva da compreensão dos desafios de sobrevivência da mulher angolana. Destacamos no romance as tradições mantidas na área rural, em contraste com a modernização da área urbana.

Material e Métodos:

A pesquisa buscou fontes bibliográficas, constituindo-se de leituras do romance e das referências que constituem o suporte para os pressupostos teóricos sobre a história

e a cultura em Angola. Estudamos a cultura tradicional, presente no romance, discutindo o papel da mulher nessa sociedade, a fim de proceder a análise das personagens femininas com base nas pesquisas realizadas.

Resultados/Discussão:

A questão da identidade aparece no romance em relação a todos os personagens, mas no nosso trabalho analisaremos apenas as duas mulheres. Para auxiliar na compreensão de como as identidades se constroem ao longo do romance, consideramos os estudos de identidade a partir de Hall:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidade contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (2005, p.13) [grifo do autor].

Esta noção de uma identidade que se modifica, que representa identificações e não possui um núcleo único e imutável é necessário para a compreensão do romance. Nosso particular interesse em *Parábola do Cágado Velho* consiste em observar como a cultura se mantém e constrói configurações diferenciadas das identidades da mulher angolana. O narrador localiza a narrativa no interior do país, nos Kimbos, construídos pela população nos altos do morro da Munda na busca por paz e fuga da guerra.

A cidade mais próxima é Calpe, de onde se alastram as ideologias que modificam as identidades constituídas pelas línguas e construções culturais, preservadas nos Kimbos ao longo do tempo pelo isolamento espacial. Portanto, de acordo com Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (2005, p.13).

A partir dessa compreensão de identidade, podemos entender a maneira pela qual as duas personagens do romance se identificam, observando a trajetória de vida, os costumes que conheceram, cada uma vive a sua cultura de acordo com essas experiências. O romance narra a vida de duas mulheres totalmente diferentes, uma identificada com a sabedoria do povo antigo, que é a Muari, a outra buscando identificar-se com as ideias ocidentais, sonhando com a modernização de sua terra, que é a Munakazi.

Cada uma delas seguia uma trajetória de vida, elas queriam encontrar a paz, o que parecia distante. Podemos observar a maneira de viver no meio das guerras e como elas lidavam com a fome ao redor de si, o sofrimento delas era enorme, mas que cada uma tinha uma forma diferente de mostrar.

Muari nasceu e cresceu em uma só comunidade, e sua identidade foi mais unificada em torno dos aspectos culturais preservados pela distância dos centros urbanos. A vida para ela decorria de acordo com os costumes dos bantus, as mulheres eram encarregadas do cultivo da terra, plantando os alimentos, cuidando da casa. A personagem estava sempre a servir a família, teve dois filhos homens, morava em Kimbo (aldeia). Ela sempre sofreu de forma resignada, conviveu com a perda desde cedo, primeiro foi à morte de suas duas filhas, da qual pouco nos é informado pelo narrador, apenas a referência de que na época havia fome e doença.

Durante a guerra ela viu os seus dois filhos irem embora, levados para Calpe, a Muari chorou, sofreu, teve que imaginar que os seus filhos logo voltariam, mas como as guerras pareciam não ter fim, eles não puderam voltar tão cedo. A Muari se conformou, continuou ali juntamente com seus amigos e se dedicou muito a seus afazeres, mais nunca deixou de esperar por seus dois filhos que ali ainda haviam de voltar.

Sua descrição pelo narrador a coloca como companheira de Ulume, devotada a família, apóia as decisões do marido, inclusive quando este, com a saída dos filhos e o sentido da vida ameaçada pela guerra, resolve desposar uma segunda esposa mais jovem. De acordo com Martins (2008), a vida dos grupos étnicos de origem bantu se baseia na ordem poligâmica, embora isso dependa mais das condições econômicas dos nativos. Geralmente apenas os chefes ou os mais ricos são polígamos, pois a esposa deve ser comprada, o futuro marido paga o alembamento, comprando o direito sobre a mulher.

Ulume, quando a guerra chegou às cercanias do Kimbo, achou que era a hora de desposar a moça pela qual havia se encantado, para tanto, conta com a primeira mulher para convencer Munakazi ao casamento, pois a esposa era resignada aos costumes de seu povo. A jovem pretendida cresceu dentro da comunidade, um Kimbo (aldeia) pequeno que se localizava perto de onde Ulume vivia com a Muari.

Quando soube das pretensões de Ulume, a primeira reação de Munakazi foi de negação, ela havia crescido ouvindo as ideias de que casamento era com uma esposa apenas. Sonhava em viver em Calpe, ter maior liberdade, tinha por aliada a mãe, que

apoiava a decisão da filha. Quando procurada por Ulume para conversar sobre sua recusa, justificou-se da seguinte forma:

Sabe, eu sempre pensei casar com alguém da minha idade. O senhor tem filhos homens, tem uma esposa. E não posso aceitar ser segunda mulher. São outros tempos, aprendemos ideias novas. Meu pai não aceita, mas acho que o senhor compreende (PEPETELA, 2005, p. 42).

Mas, com o passar do tempo, as visitas e a postura de Ulume acabaram por vencer as resistências da moça. A guerra despedaçava seus sonhos e a ausência dos jovens rapazes também dificultava tudo. Dessa forma, quando Ulume já estava perdendo as esperanças, a jovem resolveu-se pelo casamento.

Os três viveram um período de aparente tranquilidade, o marido construiu, como era costume, uma habitação para a segunda mulher, de acordo com Martins (2008), esta podia ser separada ou contígua com as outras, e o marido determinava com qual das mulheres ia passar a noite. A Muari cuidava para que houvesse harmonia entre eles, pois ela era “uma espécie de ‘madre’, a quem todas as outras devem obediência e com quem o marido terá relações em todas as cerimônias rituais. É ela quem faz a repartição de tudo quanto o seu marido comprar, pelas co-esposas” (MARTINS, 2008, p. 125).

A guerra continuava destruindo o território onde vivia a família, que teve de abandonar a sua casa, pois não havia mais nada de alimentação, nem havia vizinhança, todos fugiram para outro lugar. A Muari, que sempre viveu naquele sítio, sentia como se abandonasse a família, nunca quis viajar e nem imaginava o que realmente era viver em Calpe. Munakazi, com a guerra, perdeu o seu irmão e a irmã, que foi raptada pelos soldados, não queria partir, ficar longe dos pais, mas era mulher casada. Dessa forma, mudou-se com a família, mas depois de estabelecidos no novo Kimbo, ela fugiu do marido.

Neste momento a tradição foi rompida, ainda segundo Martins (2008), “... em todas as etnias de sistema patrilinear em que a mulher é comprada e paga pelo marido aos pais, ela passar a ser propriedade deste” (p. 131). Sua fuga representa vergonha aos pais, estes deveriam devolver o que receberam no alembamento. Mas Ulume não segue os costumes, ao não cobrar a dívida, resignou-se, talvez na esperança de que Munakazi voltasse. Assume a vergonha para si.

A vida de Munakazi longe do Kimbo virou um desastre, sem trabalho, perdeu filhos, conheceu homens que a maltrataram. A liberdade tão sonhada não se realizou. As coisas que imaginou trouxeram apenas solidão, envelheceu em sua vida maltratada.

Conheceu Calpe e este conhecimento profundo, vivenciado pela personagem, representa a perspectiva do narrador em nos fazer conhecer a realidade de Angola, querendo que esta mude. No caso da trajetória de Munakazi, esta sofreu a destruição e jamais conseguiu ter a paz sonhada, restou apenas a alternativa de voltar para trás, mas não com alegria, e sim com resignação de quem apenas espera sobreviver. A Muari e Ulume a receberam de volta, rompendo com todas as tradições, o sofrimento calara mais fundo no coração de todos.

Conclusões

O autor mostra vidas em sofrimento, dores e tristezas que realmente são a herança da guerra. Ao considerarmos esta, como elemento norteador do romance, compreendemos a trajetória das duas mulheres, a perda, sempre presente, dos sonhos, da riqueza, dos filhos.

Esta condição forjou mulheres marcadas pelo sofrimento, ainda sem uma identificação que pudesse dar segurança para viver de forma diferente das tradições, mas lutando para se libertar dos jugos que pesam sobre a condição feminina, o romance aponta para a necessária superação dos modelos que não trazem felicidade.

Agradecimentos

Agradecemos à divisão de pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, aos fomentadores desta pesquisa do programa de AFF do PIBIC-UEMS-CNPq.

Referências

ADOLFO, Sérgio Paulo. *A ficção de Pepetela e formação da angolanidade*. Assis, 1992. 187 p. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guaracira Lopes. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARTINS, João Vicente. *Os Bakongo ou Tukongo do nordeste de Angola*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

PEPETELA. *Parábola do Cágado Velho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. Na curva oblonga do tempo, uma alegórica parábola... In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania. (Org.) *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 151-169.